

Reconhecimento e identificação: o sujeito entre a dialética hegeliana e o estágio do espelho lacaniano

Recognition and identification: the subject between the Hegelian dialectic and the Lacanian mirror stage

Bruno Brambati Piumbini

Psicanalista clínico, Brasil.

PUBLICADO 19 DEZ 2025

Os registros de tramitação editorial dos volumes 1 a 3 estão incompletos em razão de mudança na direção da revista. As datas de recebimento, revisão e aceite deste artigo não puderam ser recuperadas e, por isso, não são informadas.

RESUMO

Este artigo examina a aproximação, recorrente na literatura psicanalítica de língua portuguesa, entre a dialética do reconhecimento exposta por Hegel na *Fenomenologia do espírito* e o estágio do espelho formulado por Lacan. Sustenta-se que a aproximação é legítima e historicamente fundada — a mediação de Kojève, cujo seminário Lacan frequentou nos anos 1930, é incontornável —, mas que ela se torna estéril quando converte correspondência em sinonímia. Três termos concentram o risco: sujeito, saber e desejo. Em Hegel, designam momentos de um movimento que tende à reconciliação; em Lacan, nomeiam uma divisão sem síntese, um saber que não se sabe e uma falta estruturalmente insatisfazível. O percurso reconstitui primeiro a figura do senhorio e da servidão em seus próprios termos, depois o estágio do espelho como teoria da identificação imaginária, e em seguida confronta os três conceitos sob dupla acepção. Argumenta-se que reconhecimento e identificação não são operações homólogas: o primeiro é intersubjetivo e dialético, o segundo é especular e produz *méconnaissance*. Conclui-se que a aproximação rende como instrumento de leitura da divisão subjetiva e da transferência, mas não autoriza supor, na clínica, um termo em que a divisão se resolve.

Palavras-chave: Hegel; Lacan; reconhecimento; estágio do espelho; alienação.

ABSTRACT

This article examines the approximation, recurrent in Portuguese-language psychoanalytic literature, between the dialectic of recognition set out by Hegel in the *Phenomenology of Spirit* and the mirror stage formulated by Lacan. It is argued that the approximation is legitimate and historically grounded — the mediation of Kojève, whose seminar Lacan attended in the 1930s, is unavoidable — but that it becomes sterile when correspondence is converted into synonymy. Three terms concentrate the risk: subject, knowledge and desire. In Hegel they designate moments of a movement tending towards reconciliation; in Lacan they name a division without synthesis, a knowledge that does not know itself, and a structurally unsatisfiable lack. The path first reconstitutes the figure of lordship and bondage in its own terms, then the mirror stage as a theory of imaginary identification, and subsequently confronts the three concepts under their double acceptance. Recognition and identification are shown not to be homologous operations: the former is intersubjective and dialectical, the latter specular and productive of *méconnaissance*. It is concluded that the approximation yields an instrument for reading subjective division and transference, but does not authorise supposing, in the clinic, a term in which that division is resolved.

Keywords: Hegel; Lacan; recognition; mirror stage; alienation.

1 Introdução

Entre os lugares-comuns mais estáveis da literatura psicanalítica contemporânea está a afirmação de que o estágio do espelho lacaniano prolonga, no terreno da constituição do eu, o que Hegel havia estabelecido sobre o reconheci-

mento. A afirmação tem fundamento. Lacan frequentou, entre 1933 e 1939, o seminário em que Kojève comentava a *Fenomenologia do espírito*, e a fórmula segundo a qual o desejo do homem é o desejo do Outro carrega marca inequívoca daquela leitura. Não se trata, portanto, de analogia construída retrospectivamente por comentadores: trata-se de filiação documentada.

O problema não está na filiação, mas no uso que dela se faz. Com frequência, a aproximação opera por substituição de vocabulário: o senhor e o servo tornam-se figuras do narcisismo, a alienação hegeliana e a alienação lacaniana são tratadas como o mesmo processo, e o reconhecimento mútuo surge como horizonte normativo da análise. O resultado é um texto em que ambos os autores parecem dizer a mesma coisa em dialetos diferentes — e no qual, precisamente por isso, nenhum dos dois diz nada que o outro já não tivesse dito.

A tese aqui sustentada é que a aproximação rende quando preserva a assimetria. Hegel e Lacan empregam *sujeito*, *saber* e *desejo* em acepções que não se recobrem, e é no intervalo entre essas acepções — não na sua fusão — que a comparação produz inteligibilidade. A *Fenomenologia* narra um itinerário: as figuras da consciência se sucedem porque cada uma fracassa de modo determinado, e o fracasso é o motor que conduz ao saber absoluto. O ensino de Lacan não tem itinerário desse tipo. A divisão que o estádio do espelho inaugura não é suprasumida em etapa posterior; ela é a condição permanente do sujeito falante.

Essa diferença não é detalhe de escola. Ela decide o que se pode esperar de um tratamento. Se a divisão subjetiva for lida como momento negativo a ser superado, a análise ganha télos: restituir ao analisante a unidade que o espelho lhe teria roubado. Se for lida como estrutura, o que a análise pode oferecer é outra coisa — um deslocamento na posição do sujeito diante de sua falta, não a supressão dela. O artigo examina essa bifurcação e suas consequências, e discute em que medida as leituras críticas de inspiração racial, decolonial e desconstrucionista, que nos últimos anos reabriram o dossiê, deslocam os termos do problema.

2 Método

Trata-se de revisão narrativa de literatura, de natureza teórico-conceitual. A opção pela revisão narrativa, e não pela revisão sistemática, decorre do objeto: o que está em exame é a compatibilidade semântica entre dois léxicos filosóficos, questão que não se decide por contagem de estu-

dos nem admite protocolo de triagem com desfecho mensurável.

O corpus primário reúne os textos em que cada formulação recebe exposição canônica: a seção sobre independência e dependência da autoconsciência, na *Fenomenologia do espírito* (HEGEL, 2014); o comentário de Kojève (2002), tomado não como exegese autorizada de Hegel, mas como o Hegel efetivamente recebido pela geração francesa; e, em Lacan, o escrito de 1949 sobre o estádio do espelho, o relatório de Roma de 1953, o escrito de 1960 sobre a subversão do sujeito e as operações de alienação e separação expostas no Seminário 11 (LACAN, 1998a, 1998b, 1998c, 1998d). Recorre-se a Freud (1996) onde a filiação é direta, em particular quanto ao narcisismo.

O corpus secundário reúne trabalhos publicados entre 2021 e 2024 que tratam explicitamente da interface, ou que incidem sobre um de seus termos de modo a afetá-la. O critério de inclusão exigiu publicação em periódico com revisão por pares e tratamento conceitual do problema; o critério de exclusão descartou trabalhos que mencionassem a interface apenas de passagem e aqueles cuja identificação bibliográfica não pôde ser confirmada de modo inequívoco.

O procedimento consistiu em três etapas: reconstituição de cada formulação em seus próprios termos e em seu próprio contexto argumentativo; identificação dos pontos em que os léxicos se tocam; e exame, termo a termo, do que a sobreposição sustenta e do que ela não sustenta.

3 A dialética do reconhecimento e sua recepção francesa

3.1 Senhorio e servidão

A figura hegeliana do senhorio e da servidão não é, em sua letra, uma teoria da constituição psíquica individual. Ela pertence ao capítulo sobre a autoconsciência e responde a um problema de ordem lógica: como a certeza de si, que a consciência alcançou ao voltar-se sobre seu objeto, pode converter-se em verdade. A resposta de Hegel (2014) é que ela não pode fazê-lo sozinha. A autoconsciência só é efetiva quando reconhecida por outra autoconsciência, e esse reconhecimento não é dádiva: é conquistado em confronto no qual cada termo arrisca a vida para provar que não é mera existência natural.

O desfecho do confronto é desigual, e é dessa desigualdade que decorre o essencial. O senhor obtém reconhecimento, mas de quem ele próprio não reconhece — reco-

nhecimento, portanto, sem valor, porque proveniente de uma consciência rebaixada à condição de coisa. O servo, que recuou diante da morte, encontra na experiência do medo absoluto e no trabalho sobre a matéria a via pela qual se forma e se efetiva. A verdade do senhor é o servo; a independência aparente converte-se em dependência, e a dependência em formação.

Dois traços da figura merecem registro, porque é sobre eles que a aproximação psicanalítica costuma passar depressa. O primeiro é que o reconhecimento é, em Hegel, intrinsecamente recíproco em seu conceito, ainda que a reciprocidade falhe na figura examinada — a falha é o que empurra o movimento adiante. O segundo é que a figura é um momento, não um destino: ela será supressumida nas figuras seguintes, e a *Fenomenologia* inteira é a narrativa dessa superação sucessiva. Retirar a figura dessa economia e tratá-la como descrição autônoma de uma relação intersubjetiva é operação legítima, mas que precisa ser declarada, pois altera o estatuto do que se está citando.

3.2 A antropologização por Kojève

Foi exatamente essa operação que Kojève (2002) realizou, e é por isso que sua mediação é incontornável. O Hegel de Kojève é antropológico: a *Fenomenologia* torna-se relato da constituição do humano, o desejo (*Begierde*) assume posição central, e a fórmula que dele resulta — o desejo humano é desejo do desejo do outro — desloca o eixo do argumento da lógica para a intersubjetividade. Kojève acentua ainda o que Hegel subordina: a negatividade, a morte, a luta. Maeso (2024) documenta como essa leitura atravessou o existencialismo e o estruturalismo antes de chegar às teorias da subjetividade, e Spak (2021) observa que o Hegel presente na psicanálise francesa é, em larga medida, esse Hegel já interpretado.

A consequência metodológica é relevante. Quando um texto psicanalítico invoca Hegel, convém perguntar qual Hegel está em causa. A dialética do reconhecimento lida como etapa de um sistema que culmina no saber absoluto e a dialética do reconhecimento lida como antropologia do desejo não produzem os mesmos efeitos teóricos. Lacan herdou a segunda, e boa parte das tensões que se seguem decorre de ele tê-la herdado para em seguida recusar-lhe a conclusão.

4 O estádio do espelho como teoria da identificação

O escrito de 1949 propõe que a criança entre seis e dez meses, cuja coordenação motora é ainda precária, antecipa no espelho uma unidade corporal que não possui. O

júbilo que acompanha o reconhecimento da imagem registra essa antecipação: o infante assume uma *Gestalt* que lhe vem de fora e que é, em relação à experiência fragmentada do corpo próprio, uma promessa (LACAN, 1998a). O eu que daí resulta não é instância de síntese nem órgão de adaptação; é precipitado de identificações, e sua origem exterior é constitutiva, não acidental.

Scarano e Pertile (2021) sublinham que a cena envolve três termos, e não dois: a criança, a imagem e o Outro que ratifica. A identificação especular não se consuma no par olho-espelho; requer o assentimento daquele que sustenta a criança e nomeia o que ela vê. Esse terceiro termo é o que impede reduzir o estádio do espelho a episódio evolutivo e o instala como operação simbólica. A filiação freudiana é direta: o eu que se constitui no espelho é o eu do narcisismo, investido libidinalmente de fora antes de poder investir (FREUD, 1996). Convém reter, com Laplanche e Pontalis (2001), que identificação designa em psicanálise a assimilação de um traço do outro pela qual o sujeito se transforma — definição que já a distingue do reconhecimento recíproco entre termos previamente constituídos.

Daí decorre o traço que mais resiste à assimilação a Hegel. O estádio do espelho não produz reconhecimento, produz *méconnaissance*. A unidade capturada é antecipada e, por isso, falsa no momento em que é assumida; o eu se institui sobre um desconhecimento de sua própria condição. Penna e Pimenta (2024) acentuam que a alienação assim inaugurada não é acidente corrigível, e sim a forma pela qual o sujeito advém. Lacan (1998d) formalizará o ponto nas operações de alienação e separação: o sujeito surge no campo do Outro sob a forma de uma escolha forçada, perdendo necessariamente uma parte de si no próprio ato de constituir-se.

Há, portanto, proximidade real com Hegel — alienação, dependência de um outro, constituição do si pelo que lhe é exterior — e, no mesmo lance, divergência decisiva. Em Hegel, a alienação é momento cuja verdade se revela na superação. Em Lacan, não há superação prevista. A separação não desfaz a alienação; produz, no intervalo entre os significantes do Outro, o espaço exíguo em que algo do desejo pode se inscrever.

5 Três termos sob dupla aceção

5.1 Sujeito

Em Hegel, sujeito nomeia a substância que se sabe como substância, isto é, o movimento pelo qual o em-si se torna

para-si. O prefácio da *Fenomenologia* é explícito: o verdadeiro deve ser apreendido não como substância, mas como sujeito, e isso significa apreendê-lo como processo que, atravessando a negação, retorna a si enriquecido. O sujeito hegeliano é, nesse sentido, resultado.

O sujeito lacaniano é o oposto de um resultado. Escrito com a barra, ele designa a divisão introduzida pelo significante: o sujeito é o que um significante representa para outro significante, o que equivale a dizer que ele não tem consistência própria e só comparece no intervalo da cadeia (LACAN, 1998c). Lemke, Ravanello e Costa (2021) mostram que essa posição tensiona as categorias ontológicas herdadas, pois a falta-a-ser não é privação de um ser que poderia ser restituído, e sim o modo mesmo pelo qual o sujeito do inconsciente se apresenta.

5.2 Saber

O saber absoluto hegeliano é termo de um percurso: a transparência do espírito a si mesmo, na qual a diferença entre consciência e objeto se dissolve. Em Lacan, saber e verdade se separam. Há um saber no inconsciente que o sujeito não sabe que sabe, e o saber que o analisante atribui ao analista — o sujeito suposto saber — é artifício transferencial, condição de entrada no tratamento e não sua meta. A direção do trabalho implica, ao fim, a desti-

tuição dessa suposição. Spak (2021) formula a oposição com precisão ao confrontar a certeza do significado em Hegel com a verdade do interdito em Lacan: a mediação simbólica que habilita o dizer é a mesma que impede o sujeito de se abarcar nele.

5.3 Desejo

A *Begierde* hegeliana é negatividade: desejo que suprime seu objeto para afirmar a independência da autoconsciência, e que, por isso mesmo, depende do objeto que destrói. Elevado a desejo de reconhecimento, encontra satisfação possível — a reciprocidade efetiva é figura alcançável no sistema. O desejo lacaniano não comporta esse desfecho. Metonímico, desliza de objeto em objeto sem que nenhum o conclua, porque não lhe falta este ou aquele objeto, mas um objeto que nunca existiu. Silva (2022) demonstra que é essa estrutura que separa o desejo lacaniano do realismo ingênuo do eu: o desejo não busca completude, mas se produz a partir da falta. A fórmula compartilhada com Kojève — o desejo é desejo do Outro — recebe, assim, leitura incompatível: em Kojève designa o reconhecimento que o outro pode conceder; em Lacan, a dependência do sujeito ao campo significante que o precede e no qual ele não encontra resposta.

TERMO	EM HEGEL	EM LACAN	ALCANCE E LIMITE DA APROXIMAÇÃO
Sujeito	Movimento que atravessa a negação e retorna a si como resultado	Divisão produzida pelo significante, sem consistência própria	Permite pensar a divisão; não permite supor um termo que a resolva
Saber	Transparência do espírito a si, alcançável no saber absoluto	Saber que não se sabe; suposição transferencial a ser destituída	Permite ler a transferência; não permite saber conclusivo sobre si
Desejo	<i>Begierde</i> : negatividade que se satisfaz no reconhecimento mútuo	Metonímico, nascido da falta, estruturalmente insatisfazível	Permite a fórmula do desejo do Outro; não permite reciprocidade
Reconhecer / identificar	Reconhecimento recíproco entre duas autoconsciências	Identificação com a imagem, produtora de <i>méconnaissance</i>	Permite o cotejo; não permite tratar os termos como sinônimos
Alienação	Momento negativo destinado à supressão	Operação constitutiva, irreversível, correlata da separação	Permite o paralelo estrutural; não permite prever superação

Tabela 1 — Acepções divergentes de cinco termos compartilhados pelo léxico hegeliano e pelo léxico lacaniano. A última coluna registra o que a aproximação sustenta e o que ela não autoriza, e não um grau de convergência entre as duas teorias.

6 Deslocamentos críticos recentes

A discussão sobre a interface foi reaberta, nos últimos anos, por abordagens que incidem menos sobre a coerência interna dos conceitos do que sobre suas condições de aplicação. Três direções merecem registro.

A primeira é a crítica racial e decolonial. Silva (2024), ao reler a dialética do reconhecimento com Fanon, mostra

que a luta por reconhecimento supõe partes capazes de ocupar a posição de autoconsciência, e que a situação colonial é precisamente aquela em que essa posição é dene- gada a um dos termos. Não se trata de reconhecimento fa- lho, mas de exclusão prévia do campo em que o reconhe- cimento se disputa. Dias e Canavêz (2022), em registro correlato, demonstram que a estrutura edipiana é atraves- sada por discursos de hierarquia racial, de modo que as

posições parentais comparecem já marcadas por determinações que a teoria costuma supor neutras. Ambra e Paulon (2024) estendem a observação ao sofrimento de origem institucional, evidenciando que, em contextos de violência, o reconhecimento mútuo tanto pode subverter quanto reproduzir a relação de força que o enquadra.

A segunda direção é desconstrucionista. Dutra (2024) submete a centralidade do falo em Lacan à crítica derridiana e expõe zonas de indeterminação que o modelo não absorve. A pertinência para o problema aqui tratado é indireta mas real: se o operador que ordena a diferença sexual é ele próprio instável, enfraquece-se a pretensão de que o quadro lacaniano constitua estrutura formal indiferente aos contextos em que opera — pretensão que sustentava, em boa parte, a confiança com que o quadro era sobreposto ao hegeliano.

A terceira provém da clínica com sujeitos cujo modo de subjetivação não se conforma ao padrão pressuposto. Reis *et al.* (2023) examinam o trabalho do analista com o autismo e indicam que as modalidades de transferência e de mediação linguística ali em jogo exigem revisão do que se entende por acesso ao simbólico. Também aqui o efeito sobre a interface é de limitação: a identificação especular descrita em 1949 não descreve um universal antropológico, e a figura hegeliana, construída sobre duas autoconsciências plenamente constituídas, descreve-o ainda menos.

O que essas três direções têm em comum é o deslocamento do registro da discussão. A questão deixa de ser se Hegel e Lacan dizem o mesmo e passa a ser sob que condições cada um dos dois quadros se aplica — pergunta à qual nenhum deles responde por si.

7 Considerações finais

O percurso autoriza três conclusões.

A primeira é que a filiação entre Hegel e Lacan é histórica antes de ser conceitual. Ela passa por Kojève, e o Hegel que dela resulta é um Hegel antropológico, no qual o desejo ocupa o lugar que o sistema reservava à lógica. Omitir essa mediação produz o efeito de atribuir a Hegel teses que são de seu intérprete, e de fazer parecer espontânea uma convergência que foi construída.

A segunda é que a aproximação se sustenta no plano da estrutura e se desfaz no plano do destino. Ambos descrevem um si que se constitui pelo que lhe é exterior e que, nesse movimento, se perde. Divergem quanto ao que se

segue: a *Fenomenologia* narra uma perda que trabalha em favor de sua superação, ao passo que o ensino de Lacan sustenta uma perda sem restituição prevista. Tratar as duas alienações como uma só é, portanto, o erro mais consequente que a literatura comete, porque importa para a psicanálise um télos que ela recusou.

A terceira diz respeito à clínica. Se a divisão subjetiva é estrutural, a direção do tratamento não pode ser a restituição de uma unidade perdida, e o reconhecimento mútuo não funciona como critério de êxito. O que a leitura cruzada oferece ao analista é mais modesto e mais utilizável: um vocabulário para situar os impasses em que o analisante demanda do Outro uma ratificação que nenhum Outro está em condição de fornecer, e para distinguir esses impasses da retificação da posição subjetiva que a análise pode efetivamente produzir.

Resta, como agenda, examinar se a assimetria aqui sustentada se mantém diante das reformulações tardias de Lacan, nas quais o estatuto do real e a função do sintoma deslocam o peso do registro imaginário. É trabalho que exige exame textual específico e que este artigo apenas delimita.

Declarações

Conflito de interesses. O autor declara não haver conflito de interesses.

Financiamento. A pesquisa não recebeu financiamento específico de agências públicas, comerciais ou sem fins lucrativos.

Uso de inteligência artificial. Não foi utilizada inteligência artificial generativa na concepção, na redação ou na análise do conteúdo deste artigo.

Disponibilidade de dados. Não se aplica: trata-se de revisão de literatura, sem produção de dados primários.

Nota editorial. Este artigo integra o acervo reorganizado dos volumes 1 a 3 da *Interapia*. O texto foi editorialmente adequado às normas vigentes da revista quanto a estrutura, registro e normalização de referências, sem alteração de tese, argumento ou atribuição de autoria.

Referências

- AMBRA, P.; PAULON, C. P. Registros políticos do sofrimento: identidade, trauma e transformação. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 27, p. e230967, 2024.
- DIAS, L. S.; CANAVÊZ, F. Complexo de Édipo e diferença racial em psicanálise. *Revista Subjetividades*, v. 22, n. 3, p. e12545, 2022.

- DUTRA, V. A economia restrita do falo: crítica derridiana à teoria sexual de Lacan. *Princípios: Revista de Filosofia*, v. 31, n. 66, 2024.
- FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 77-108.
- HEGEL, G. W. F. *Fenomenologia do espírito*. Tradução de Paulo Menezes. 9. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2014.
- KOJÈVE, A. *Introdução à leitura de Hegel*: aulas sobre a Fenomenologia do Espírito. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto; EdUERJ, 2002.
- LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu (1949). In: *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998a. p. 96-103.
- LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise (1953). In: *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998b. p. 238-324.
- LACAN, J. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano (1960). In: *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998c. p. 807-842.
- LACAN, J. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998d.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. *Vocabulário da psicanálise*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LEMKE, R.; RAVANELLO, T.; COSTA, M. O problema da ontologia na psicanálise lacaniana. *Tempo Psicanalítico*, v. 53, n. 2, 2021.
- MAESO, B. E. "Pais e filhos": a recepção de Hegel nas filosofias francófilas no século XX. *DoisPontos*, v. 21, n. 3, 2024.
- PENNA, P. D. M.; PIMENTA, C. G. A importância do processo de alienação na constituição do sujeito: abordagens teóricas e clínicas na psicanálise lacaniana. *Caderno Pedagógico*, v. 21, n. 10, p. e9340, 2024.
- REIS, V. A. W. *et al.* Considerações sobre o trabalho do analista com o autismo a partir da psicanálise lacaniana. *Tempo Psicanalítico*, v. 55, p. 432-466, 2023.
- SCARANO, R. C. V.; PERTILE, G. H. A questão da identificação em O estádio do espelho e sua relação com a alteridade em Jacques Lacan. *Analytica: Revista de Psicanálise*, v. 10, n. 19, p. 1-21, 2021.
- SILVA, A. W. C. da *et al.* A teoria do desejo em Lacan como crítica ao realismo ingênuo do eu. *Revista Subjetividades*, v. 22, n. 3, 2022.
- SILVA, P. C. A. A questão do reconhecimento: Fanon e a dialética hegeliana. *Via Atlântica*, v. 25, n. 1, p. 160-188, 2024.
- SPAK, G. C. Sujeito e saber em Hegel e em Lacan: entre a certeza do significado e a verdade do interdito. *Revista PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental*, v. 10, n. 2, p. 41-52, 2021.

COMO CITAR

PIUMBINI, B. B. Reconhecimento e identificação: o sujeito entre a dialética hegeliana e o estágio do espelho lacaniano.

Interapia — Revista de Clínica, Cultura e Ciências Mentais, v. 3, n. 2, p. 40-46, 2025.

LICENÇA

Publicado em acesso aberto sob licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional. O autor mantém os direitos sobre a obra e concede à revista o direito de primeira publicação.